

Nos bastidores do Acervo Alcina Dantas (AAD): Notícias sobre sua organização

Pollianna dos Santos Ferreira Silva¹

Rosa Borges²

Introdução

A Filologia é um campo de saber que permanece sendo atualizado em suas práticas científicas pelo(a)s filólogo(a)s na contemporaneidade. A partir da segunda metade do século XX, os estudos filológicos foram afetados por diversos campos do conhecimento, como a Crítica Genética³ e a Bibliografia/ Sociologia dos Textos⁴, e, no século XXI, têm sido ampliados os diálogos do(a)s pesquisadore(a)s da Filologia com o arcabouço teórico-metodológico advindo de pesquisas nas Humanidades Digitais⁵, da Arquivística⁶ e das Tecnologias da Informação e da Comunicação⁷.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura (PPGLitCULT) do Instituto de Letras na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Doutora em Letras e Linguística pela UFBA, com pós-doutorado em Edição Crítica de Textos pela UNAM. Professora Titular do Instituto de Letras da UFBA, Vice-líder do Grupo de Pesquisa do CNPq *Nova Studia Philologica*. Coordenadora do Grupo de Edição e Estudo de Textos e da Equipe Textos Teatrais Censurados.

³ De acordo com Biasi (2010, p.13), “[a] crítica genética propõe-se a renovar o conhecimento dos textos à luz de seus manuscritos, deslocando a interrogação crítica do autor para o escritor, do escrito para a escritura, da estrutura para os processos, da obra para a gênese. O princípio dessa abordagem embasa-se na constatação de um fato: o texto definitivo de uma obra literária é, salvo raras exceções, o resultado de um trabalho de elaboração progressiva”.

⁴ No campo da Bibliografia, a Sociologia dos Textos estuda o texto desde a sua produção até a sua transmissão e recepção. Nos termos de McKenzie (2018 [1986], p.28), o estudo do texto, levando em conta as suas formas materiais e as agências dos sujeitos envolvidos nesse processo da elaboração à recepção, “[...] nos alerta para os papéis das instituições, e de suas complexas estruturas, na construção das formas do discurso social, passado e presente”.

⁵ As Humanidades Digitais se consolidam a partir do Manifesto das Humanidades Digitais (2011), elaborado após a realização do evento *THATCamp*, em 2010. No manifesto, afirma-se que as Humanidades Digitais contemplam o conjunto das Ciências humanas e sociais, das Artes e das Letras (Manifesto, 2011).

⁶ Definimos a Arquivística a partir do verbete do Arquivo Nacional (2005, p.37) como a disciplina que “[...] estuda as funções do arquivo e os princípios e técnicas a serem observados na produção, organização, guarda, preservação e utilização dos arquivos [...]”.

⁷ Segundo Veloso (2017, p.89-90), trata-se do “[...] conjunto de dispositivos, serviços e conhecimentos relacionados a uma determinada infraestrutura, composta por computadores, softwares, sistemas de redes etc., os quais teriam a capacidade de produzir, processar e distribuir informações para organizações e sujeitos sociais [...]”.

Como objeto do labor filológico, o texto é estudado por nós tendo em vista as suas formas materiais e levando em consideração os aspectos sociais, históricos e culturais que o atravessam, como também os agentes que atuam em todo o seu processo de elaboração, circulação, recepção e deixam as suas marcas na materialidade do texto (McGann, 1991; McKenzie, 2018 [1986]; Chartier, 2002; Borges; Souza, 2012). Assim,

[o]s textos, com os quais a filologia trabalha, são documentos, que se tornaram testemunhos de sua tradição e transmissão (manuscrita, impressa, digital), testemunhos que evidenciam os processos de produção, circulação e recepção, e monumentos que guardam a memória do que representam, de quem os preparou, quando e onde foram produzidos, por onde circularam, como foram lidos e passados adiante (SANTOS, 2007; BORGES, 2015[2013]) (Borges, 2021, p. 21).

No campo da Filologia, enquanto Crítica Textual, para dar a ler esses textos, que são documentos, testemunhos e monumentos (Borges, 2021), o(a) filólogo(a)-editor(a) os prepara, a partir de critérios estabelecidos, para editá-los e, enfim, disponibilizá-los aos/ às leitores(a)s. Para tanto, adotamos a seguinte metodologia: em primeiro lugar, realizamos a *recensio* – “[o]peração de recolha e identificação dos testemunhos que constituem uma tradição textual, com vista a estudar as variantes e a estabelecer relações de parentesco entre eles [...]” (Duarte, 2019, p.396).

Em seguida, elaboramos o dossiê, isto é, “[...] o *corpus* de pesquisa construído pelo filólogo-editor, a partir da *recensio* das fontes provenientes de diferentes acervos” (Borges, 2021, p.20). Essa preparação diz respeito à produção de fac-símiles por meio da digitalização dos documentos e da classificação dos materiais que integram esse *corpus*. A próxima etapa é a descrição física dos testemunhos e dos documentos e, após essa ação, transcrevemos os textos em seus testemunhos. Na sequência, desenvolvemos a leitura crítico-filológica do(s) texto(s) e seu(s) testemunho(s) para produzirmos a edição (Borges, 2020; 2021; 2022; 2023).

Com o intuito de cumprir as duas primeiras etapas, o(a)s filólogo(a)s, no exercício da pesquisa de fontes primárias, saem ao encalço dos textos do(a) autor(a) – os testemunhos⁸ –, como também os documentos a eles relacionados (cartas, entrevistas

⁸ De acordo com Duarte (2019, p. 398), diz respeito ao “[d]ocumento escrito (manuscrito, datiloscrito ou impresso) que contém o texto, tanto na sua lição original como em qualquer das versões que dele exista.

do(a) ou sobre o(a) escritor(a), etc.), em diversas instituições de custódia, como bibliotecas, arquivos públicos e privados (físicos ou virtuais). Fazemos a distinção entre arquivo e acervo, tomando as seguintes definições de Bordini (2012, p.119):

[a]rquivos são considerados como lugares de guarda, com o propósito de preservar fisicamente os documentos neles contidos, implicando atividades de higienização, embalagem, restauro e arquivamento. Presumem prateleiras e estantes de aço, caixas especiais, umidade e temperatura controladas, assim como desinsetização. Acervos consistem no conjunto de documentos em papel ou em objetos que testemunham a vida e a obra de um escritor – já que se fala aqui de literatura. Implicam numeração, descrição e catalogação [...]. Acervos são mementos, vestígios de um processo criativo, de condições de produção e recepção, de peculiaridades de vidas humanas tornadas texto, ameaçados pelo fluir da História e os esquecimentos dele decorrentes.

Nesse contexto do trabalho em arquivos, o(a)s filólogo(a)s se interessam por tudo que se relaciona a(à) escritor(a) preservados nesses espaços, para que possamos construir, através da prática editorial filológica, uma história dos textos desse(a) escritor(a) e de sua presença na cena cultural, social e política. Da mesma forma, a procura em arquivos e os acervos, como mementos (Bordini, 2012), nos possibilitam dar a ver aspectos do processo criativo do(a) escritor(a), da circulação de sua obra e de sua recepção, pois eles

[t]estemunham a gênese e os processos de criação de obras (v. HAY, 2007), deslindam aspectos do funcionamento da sociabilidade intelectual e artística, alimentam interpretações acerca de questões identitárias nos estudos culturais etc. Mesmo sendo o literário o horizonte do pesquisador, o seu olhar sobre o arquivo demanda a prática da interdisciplinaridade (v. SOUZA; MIRANDA, 2011) (Bordini, 2022, p.6).

Assim, como adendo à afirmação de Bordini (2022), ressaltamos, aqui, o lugar da Filologia nessa teia de práticas interdisciplinares. A constituição de acervos, na prática filológica, enquanto “[...] mementos, vestígios de um processo criativo, de condições de

Quando no mesmo testemunho coexistem texto impresso ou datiloscrito e manuscrito, temos um testemunho misto.”

produção e recepção” (Bordini, 2012, p.119), se faz por um trabalho crítico do(a) filólogo(a)-editor(a) de não só editar os textos para dar a ler a leitores(a)s, como também de estabelecer laços com os documentos que suplementam as informações relativas à vida e à obra do(a) escritor(a), ao elaborar os dossiês e integrá-los às edições. Esses documentos, organizados nesses dossiês, eram classificados pela crítica literária e textual como elementos secundários em relação às obras do(a)s escritor(a)s, mas foram reconsiderados em nossas práticas. Como consequência, almejamos potencializar as leituras desses textos, enriquecendo-as.

Para cumprir essas tarefas, os conhecimentos da Arquivística e das Tecnologias da Informação e Comunicação (TCIs) se fazem cada vez mais necessários a essas práticas filológicas, posto que

[n]o âmbito da práxis filológica na era da informação, as relações estabelecidas com as fontes documentais foram ampliadas não apenas pelo emprego de recursos tecnológicos nas diferentes etapas editoriais, mas também com a inserção desses em sistemas capazes de reunir, representar e relacionar documentos de diferentes acervos. Esta proposta aproxima a hipótese de trabalho do editor, a edição, das atividades de organização e preservação do material no âmbito da Arquivística, sobretudo no que tange à composição do dossiê que reúne os testemunhos da tradição de dado texto. Conforme Guimarães (2003, p. 91), “[a] edição vista como hipótese do trabalho relativiza de modo fundamental a noção de que seu objetivo vem a ser a busca de um estabelecimento de texto definitivo – seu objetivo passa a ser a apresentação sistematizada de um conjunto documental (Almeida; Mota, 2021, p.111-112).

Como parte dessa seara de interlocuções entre essas áreas do saber, visando exercer a *práxis* filológica, a presente pesquisa de doutorado, vinculada à Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA), no campo da Crítica Textual, objetiva editar 85 poemas, até então, reunidos da escritora baiana Alcina Gomes Dantas (1892-1974). Com o propósito de driblar as ameaças “[do] fluir da História e os esquecimentos dele decorrentes” (Bordini, 2012, p.119), desejamos colocar em cena os textos dessa escritora para fazer circulá-los, pois eles estão publicados em periódicos que, por sua vez, estão sob a guarda de instituições variadas, o que torna a dispersão da sua obra mais agudizada.

Nesse sentido, o Acervo Alcina Dantas (AAD) busca visibilizar a produção literária e informações sobre a sua trajetória, relacionando os textos editados a esses e demais documentos encontrados durante a *recensio*, seguida da constituição do dossiê. Assim, o produto da finalização da pesquisa de doutorado será uma hiperedição dos poemas de Alcina Dantas. Entendemos a hiperedição (arquivo hipertextual/edição eletrônica) como uma edição multimodal realizada em suporte eletrônico, que pode abrigar diversos tipos de edição (a *fac-similar*⁹, a *interpretativa*¹⁰, a *crítica*¹¹, etc.), além dos documentos reunidos interligados aos textos editados. São incorporados nesses textos o aparato crítico¹² e de notas¹³, usando recursos, como hipertextos para exibir tais aparatos, além de *hiperlinks* para estabelecer as relações entre edição e dossiê (McGann, 1995; Urbina *et al.*, 2005).

A partir do material reunido sobre Alcina Dantas, podemos delinear os papéis sociais desempenhados por ela, enquanto escritora e artista, e reinseri-la no panorama literário baiano de sua época a partir da leitura desses documentos. Para leremos os documentos e traçarmos esses papéis, é fundamental, em primeiro lugar, organizarmos

⁹ De acordo com Duarte (2019, p.385), “[r]eprodução do texto do autógrafo (quando existente), ou do texto criticamente definido como mais próximo do original (quando este não existe – *constitutio textus*), depois de submetido às operações de recensão (*recensio*), colação (*collatio*), constituição do estema com base na interpretação das variantes (*estemática*), definição do testemunho base, elaboração de *critérios de transcrição*, e de correção (*emendatio ope codicum* ou *emendatio ope ingenii*). Todas estas operações devem ser devidamente justificadas e explicadas (*annotatio*), e todas as intervenções do editor, com realce para as lições não adotadas (do original ou dos testemunhos da tradição) devem ser registadas no *aparato crítico* [Blecua, 1983].”

¹⁰ Segundo Duarte (2019, p.386), “[1] Edição crítica de um texto de testemunho único; nesta situação, o editor transcreve o texto, corrige os erros por conjectura (*emendatio ope ingenii*), e regista em aparato todas as suas intervenções. [2] Edição de um texto de testemunho único, ou de um determinado testemunho isolado de uma tradição, destinada a um público não diferenciado; para além da transcrição e da correção de erros, o editor atualiza a ortografia e elabora notas explicativas de caráter geral.”.

¹¹ Consoante Duarte (2019, p.386), a edição crítica é a “[r]eprodução do texto do autógrafo (quando existente), ou do texto criticamente definido como mais próximo do original (quando este não existe – *constitutio textus*), depois de submetido às operações de recensão (*recensio*), colação (*collatio*), constituição do estema com base na interpretação das variantes (*estemática*), definição do testemunho base, elaboração de *critérios de transcrição*, e de correção (*emendatio ope codicum* ou *emendatio ope ingenii*). Todas estas operações devem ser devidamente justificadas e explicadas (*annotatio*), e todas as intervenções do editor, com realce para as lições não adotadas (do original ou dos testemunhos da tradição) devem ser registadas no *aparato crítico* [Blecua, 1983].”.

¹² Conforme Duarte (2019, p.378), “[p]arte de uma edição crítica que contém a história da génesis, as notas que justificam as opções pontuais de estabelecimento do texto, a lista classificada de variantes, extratos de outras versões do texto, etc. [Grésillon, 1994]. Deve indicar do modo mais completo possível qualquer elemento útil para a reconstrução do manuscrito original do autor [Fränkel, 1964]”.

¹³ Segundo Duarte (2019, p. 378), “[n]uma edição crítica, constitui obrigatoriamente o registo e a justificação de todas as intervenções críticas do editor; em alguns tipos de edição, contém ainda comentários interpretativos sobre os conteúdos do texto.”

essa massa documental angariada e, nesse ínterim, a interdisciplinaridade com os trabalhos da Arquivística faz-se fundamental.

Neste artigo, apresentamos os resultados parciais do processo de organização dos testemunhos e dos documentos relacionados à escritora e à sua produção poética que integram o Acervo Alcina Dantas (AAD). Para tanto, primeiramente, descrevemos, de maneira panorâmica, a *recensio* realizada. Em seguida, indicamos as etapas do processo de organização do AAD e os resultados preliminares do Sistema de Gerenciamento de Banco de Dados (**SGBD**), criado para automatizar as etapas de tal organização. Por fim, trazemos as considerações finais.

Nos bastidores do Acervo Alcina Dantas (AAD): da *recensio* à organização do material reunido

Na etapa da *recensio*, identificamos, até o momento, 85 poemas e demais textos publicados por ela nos periódicos *Folha do Norte*¹⁴, *Folha da Feira*¹⁵, *O Itaberaba*¹⁶, *Gazeta do Povo*¹⁷ e *Vanguarda*¹⁸. Os quatro primeiros jornais foram localizados no Museu Casa do Sertão (MCS) e no Laboratório de História e Memória da Esquerda e das Lutas Sociais (LABELU), que fazem parte da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), e no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), na cidade de Salvador – BA. Os materiais no MCS estão, em sua grande maioria, digitalizados, pois parte significativa dos fascículos dos periódicos *Folha do Norte* e *Folha da Feira* estão em estado fragilizado. No LABELU, acessamos a digitalização do jornal *Gazeta do Povo*. No caso do IGHB, fizemos a digitalização dos testemunhos que transmitem os poemas de Alcina Dantas no jornal *O Itaberaba* através do uso do aplicativo de celular *CamScanner*¹⁹. Quanto ao jornal *Vanguarda*, temos apenas fotocópias dos poemas de

14 Tito Ruy Bacelar fundou esse jornal em 1909. Ele foi um político de Feira de Santana (BA).

15 Jornal de Feira de Santana inaugurado em 1928 e pertencia a Martiniano Carneiro.

16 Jornal cujo proprietário era Roque Fagundes de Souza e que foi fundado em 1926, durando até a década de 1950.

17 Surgido em 1959, os proprietários desse periódico eram Osvaldo Galeão, Capitão José Máximo Jandiroba e Eduardo Fróes da Motta – esse último político em Feira de Santana.

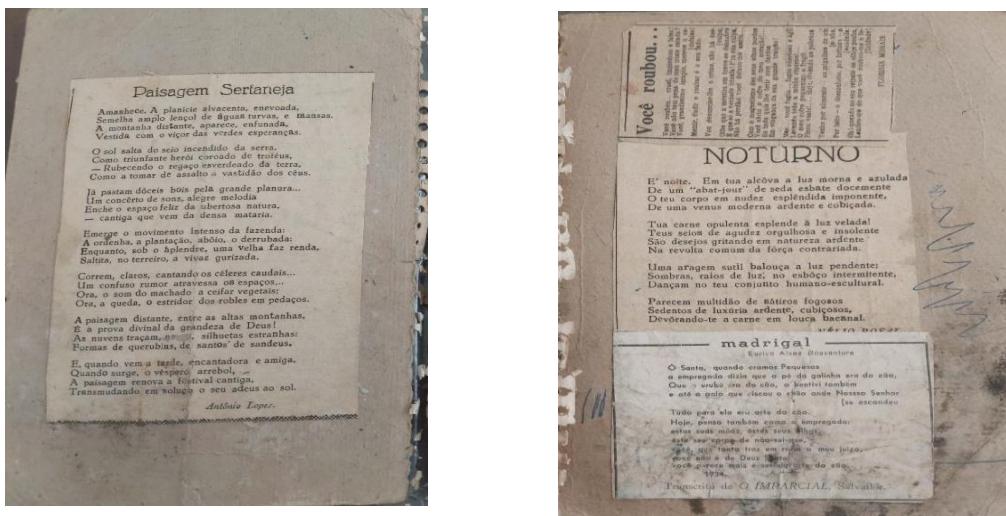
18 Infelizmente, não temos informações sobre esse jornal.

19 O *CamScanner* é um aplicativo de celular no qual os usuários digitalizam documentos usando uma câmera de celular e compartilham a foto em *Joint Photography Experts Group* (JPEG) ou *Portable Document Format* (PDF).

Alcina Dantas, que foram disponibilizadas pela pesquisadora Lélia Vitor Fernandes da Academia Feirense de Letras e Artes²⁰.

Além disso, tivemos acesso a cinco cadernos da escritora, que estavam em mãos da pesquisadora Leny Madalena Silva, e que foram escaneados com o *CamScanner*. Nesses cadernos, nos deparamos com produções inéditas diversas da escritora, como peças de teatro, poemas, canções, discursos, entre outros. Vimos algumas produções poéticas coladas nas contracapas desses cadernos, recortes de jornais com os poemas de Alcina Dantas e de outros poetas, como Antônio Lopes²¹ e “Paisagem Sertaneja”, “Você roubou...” de Florísia Arlete²², “Noturno” de Nélia Rosal²³ e “Madrigal” de Eurico Alves²⁴ (Cf. Figuras 1 e 2), e textos inéditos de Alcina Dantas.

Figuras 4 e 2 – Recortes dos poemas colados na contracapa de cadernos da escritora



Fonte: Arquivo Pessoal Leny Madalena Silva.

Também obtivemos uma certidão de inteiro teor, expedido pelo Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais (RCPN) de Itaberaba-BA, a qual nos possibilitou ter maior segurança sobre as informações acerca da data de nascimento da escritora e de sua filiação, pois em alguns textos que a biografaram atribui-se o ano de nascimento da escritora a 1895 (Oliveira, 2001; 2002).

²⁰ Instituição inaugurada em 1997 e que fica localizada em Feira de Santana, dedicada à literatura e às artes, presidida pela professora e pesquisadora Lélia Vitor Fernandes.

²¹ Segundo Oliveira (2001), nasceu em 1918 e faleceu em 1991. Foi poeta, professor primário e contador.

²² Florísia Arlete (1921-) nasceu em Feira de Santana e escreveu poesia nessa cidade (Oliveira, 2001).

²³ Colaborador do jornal *Gazeta do Povo*.

²⁴ Segundo Maria Eugenia Boaventura (2006), Eurico Alves foi um poeta e ensaísta feirense.

Embora ela tenha nascido em Itaberaba, município do interior da Bahia, foi em Feira de Santana – BA onde ela desenvolveu boa parte dos seus trabalhos intelectuais e artísticos. Lá, ela desempenhou atividades como escultora, conforme podemos ver no anúncio publicado por Alcina Dantas no jornal *Folha do Norte* (Cf. **Figura 3**):

Figura 3 – Anúncio de trabalho com imagens de santos



Fonte: Folha do Norte.

Suas habilidades manuais com materiais diversos, como madeira, gesso e terracota, certamente contribuíram para o seu trabalho no programa de rádio “Brasil de amanhã”, no qual ela atuou na Rádio Cultura ZYN.²⁵ na cidade de Feira de Santana (Cf. **Figura 4**). Como as crianças performavam no palco que existia nessa rádio, o cenário e o figurino ficavam a cargo de Alcina Dantas. Tivemos acesso a fotografias dela e fizemos entrevistas com ex-alunos do programa de rádio.

²⁵ Rádio inaugurada por Eduardo Fróes da Motta, Almáchio Alves Boaventura, Ângelo Pedra Branca, Oscar Marques, entre outros, em Feira de Santana no ano de 1950. A emissora foi perseguida e cassada pela Ditadura Militar em 1975.

Figura 4 – Fotografia da escritora com as crianças do Brasil de amanhã



Fonte: Arquivo Pessoal Leny Madalena Silva.

Para esse programa, ela compunha peças, poemas e demais atividades com funções pedagógicas, lúdicas e para aflorar a sensibilidade artística das crianças do “Brasil de amanhã”. Essa introdução à vida artística parece ter estimulado a profissão de algumas delas na vida adulta: duas se tornaram jornalistas em Feira de Santana, como foi o caso de Oydema Ferreira, Itajaí Pedra Branca; outras atuaram mais diretamente com artes, como ocorreu com Olney São Paulo, cineasta, e com Hildete Galeão, que montou uma escola de balé nessa cidade (Lima, 2015).

Por fim, buscamos materiais bibliográficos sobre Alcina Dantas, tanto em repositórios de universidades brasileiras quanto em associações culturais que se debruçaram sobre a artista, como a Academia Feirense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana²⁶.

A partir desse material reunido, proveniente de instituições diversas, passamos para a fase de organização. Um dos maiores desafios nesse processo está na quantidade de documentos e de testemunhos angariados, o que nos levou a idealizar um Sistema de Gerenciamento de Banco de Dados (**SGBD**). Na seção subsequente, esclareceremos como estamos organizando o AAD.

A organização do acervo e o desenvolvimento do SGBD

²⁶ Instituição localizada em Feira de Santana.

Elaboramos o Acervo Alcina Dantas tomando como base os trabalhos do Grupo de Edição e Estudo de Textos (GEET), da Universidade Federal da Bahia (UFBA), de Maria da Glória Bordini (2016[1994]), com a organização do acervo de Érico Veríssimo, que resultou no material intitulado de *Manual de organização de acervos literários*; e do livro *Procedimentos técnicos adotados para a organização de arquivos privados* do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas (1994).

O material reunido na *recensio* foi organizado a partir de um quadro de arranjo ordenado por classes e subclasses, de acordo com a terminologia empregada por Bordini (2006 [1994]). Nesse sentido, identificamos as classes por números arábicos e as subclasses por letras do alfabeto (Cf. **Quadro 1**):

Quadro 1 – Quadro de arranjo a partir de Bordini (2006 [1994])

Classes	Subclasses
01 Produção intelectual	01a – Poesia 01b – Conto 01c – Ensaio 01d – Peças teatrais 01e – Canções
02 Documentos audiovisuais e digitais	02a – Fotos da autora 02b – Gravação de entrevistas relacionadas com a autora
03 Esboços e notas	03a – Notas manuscritas
04 <i>Memorabilia</i>	04a – Documentos diversos relacionados com a autora 04b – Homenagem <i>in memoriam</i>
05 Recepção da obra	05a – Crítica acadêmica universitária 05b – Crítica da Academia Feirense de Letras e Artes 05c – Memorial e demais estudos biográficos sobre a autora 05d – Poetas
06 Vida	06a – certidão de inteiro teor 06b – Varia
07 Publicação na imprensa	07a – Notícias relacionadas com a autora

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Criamos um código de arquivamento para cada documento, levando em conta os seguintes critérios: a sigla do acervo (AAD), o título do texto e/ou do documento, a classe, a subclasse e os dois últimos dígitos do ano de publicação. Se não houver essa informação sobre o ano, usamos 00, seguindo a notação de documentos do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas (1994). Além disso, incorporamos nesse código o título do periódico e/ou do documento e a instituição onde ele se encontra (se não houver, usamos s./, conforme a NBR ABNT 6023). No que tange aos cadernos da escritora, atribuímos um número para cada um deles (Caderno 1, Caderno 2, Caderno 3, Caderno 4, Caderno 5), que será parte do código do manuscrito ou dos recortes de jornal encontrados neles.

A partir desses critérios de organização, elaborávamos um quadro-inventário usando o software *Word*, contendo todas essas informações, indicando a quantidade de documentos, as referências de acordo com a ABNT *NBR 6023*, a instituição de custódia e o código criado para cada item documental. No entanto, diante do desafio de lidar com uma quantidade expressiva de testemunhos e de documentos sobre a escritora, idealizamos, desde 2021, um Sistema de Gerenciamento de Banco de Dados (**SGBD**). Tal sistema vem sendo empregado para automatizar esse processo de organização por classes e subclasses e os seus dados serão incorporados à edição eletrônica. No que se segue, indicaremos os resultados preliminares desse sistema.

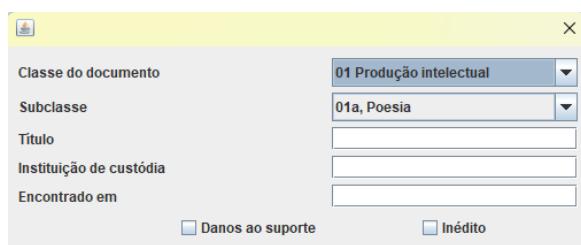
O Sistema de Gerenciamento de Banco de Dados (**SGBD**) para o AAD

De acordo com Bittencourt (2004, p.1), dados são a “representação de fatos, conceitos ou instruções de maneiras formalizadas, adequadas para comunicação, interpretação ou processamento por pessoas ou meios automatizados”. Levando em conta essa definição, um Sistema de Gerenciamento de Banco de Dados (**SGBD**) apresenta uma interface para o(a) usuário(a) interagir com dados e programas de aplicativos que os compilam. Nas palavras de Bittencourt (2004), um Sistema de Gerência (ou Gerenciamento) de Banco de Dados permite a definição, construção e manipulação do banco de dados para diversas aplicações.

Nesse sentido, o **SGBD** voltado para o **AAD** foi criado em 2022 e produzido em Java²⁷. Tal sistema é fruto de uma parceria com o desenvolvedor Mateus Neves de Matos, a partir do diálogo interdisciplinar entre as áreas da Filologia, Arquivística e das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Esse sistema emprega os critérios de organização elencados na seção anterior, automatizando-os para gerenciar os dados relativos ao **AAD**. Buscamos esse procedimento para minimizar erros humanos no preenchimento de informações relativos aos testemunhos e aos documentos reunidos na *recensio*.

No **SGBD**, abre-se um **Formulário**²⁸. Nele, preenchemos os dados sobre os testemunhos e documentos, como data, lugar de publicação (se houver), tipo de testemunho, a instituição de custódia onde foram localizados. Assim, nesse formulário, há caixas de seleção: no topo dele, vemos as classes, as subclasses, o título do texto, a instituição de custódia. Em “Encontrado em”, indicamos em qual periódico o texto foi publicado e/ ou em qual caderno se encontra. Também podemos registrar informações relativas ao ineditismo, marcando a caixa “Inédito”, e à materialidade desses textos – caso haja dano no suporte, é possível marcar na opção “Danos ao suporte” (Cf. **Figura 5**):

Figura 5 – Recorte do topo do **Formulário**



Formulário de preenchimento de dados. O topo do formulário mostra campos para 'Classe do documento' (01 Produção intelectual) e 'Subclasse' (01a, Poesia). Abaixo, há campos para 'Título', 'Instituição de custódia' e 'Encontrado em'. No fundo, há duas caixas de seleção: 'Danos ao suporte' e 'Inédito'.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Em seguida, inserimos o lugar de publicação, o ano ou volume, o número da publicação e a página onde se encontra o testemunho, caso seja publicação em periódicos, ou a folha do caderno – no caso das produções inéditas. Após esse preenchimento, seguimos para as informações da data (dia, mês e ano). Marcamos

²⁷ Linguagem de programação. Ver mais informações em: <https://www.java.com/pt-BR/>.

²⁸ Um formulário é uma ficha padronizada em que se inscrevem os dados nos locais a isso destinados.

“Data incerta” se não houver essa informação (Cf. **Figura 6**). Todos esses dados registrados também servirão para atender às normas da *NBR 6023* na elaboração de referências desses documentos.

Figura 6 – Recorte do Formulário

Lugar de Publicação

Ano/Volume

Número de publicação

Página/folha

Quantidade de páginas/folhas

Coluna

DATA

Day Mês

Ano Data incerta?

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Ao finalizar essa etapa, passamos para as informações que dizem respeito à produção, circulação e à recepção dos textos. Nesse sentido, registramos as pessoas, instituições ou locais citados nos testemunhos nas opções “Adicionar Pessoa”, “Adicionar Instituição” e Adicionar Local” (Cf. **Figura 7**):

Figura 7 – Recorte do Formulário

Adicionar Pessoa

Adicionar Instituição

Adicionar Local

Citações

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Por fim, anexamos os arquivos dos testemunhos e dos documentos em formatos diversos (pdf²⁹, jpg³⁰, png³¹, mp4³², etc.) em “Anexar arquivos” (Cf. **Figura 8**):

²⁹ Portable Document Format.

³⁰ Joint Photographic Experts Group.

³¹ Portable Network Graphic.

³² Formato de arquivo MPEG-4 Part 14.

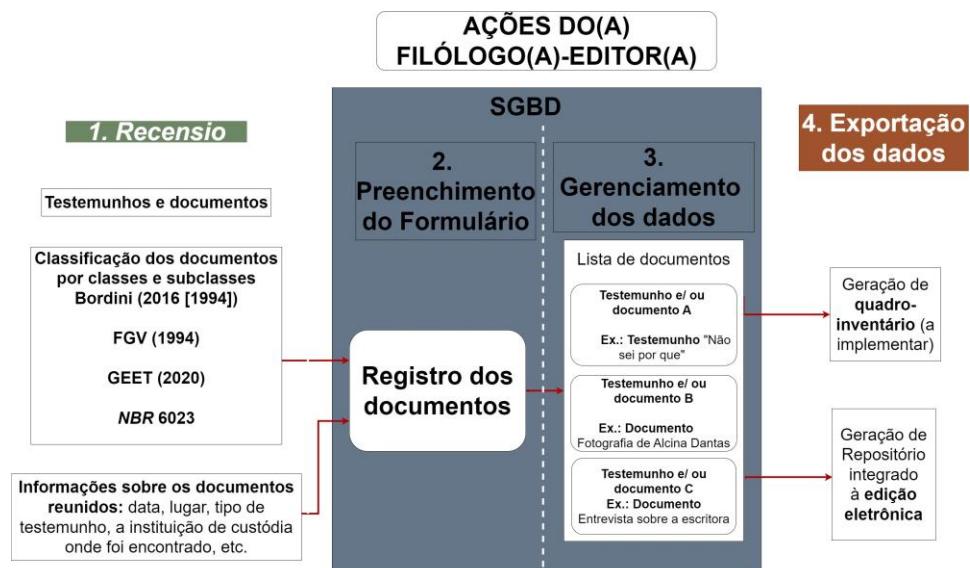
Figura 8 – Recorte do Formulário



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Ante o exposto, elaboramos um diagrama (Cf. **Figura 9**) para ilustrar as ações do(a) filólogo-editor(a) no uso do **SGBD** nesse processo de preenchimento do Formulário. Assim, podemos sinalizar quais serão as diferenças entre fazer esse processo manualmente e com o **SGBD**:

Figura 9 – Ações no **SGDB** para o trabalho filológico



Fonte: Elaborado pelas autoras e pelo desenvolvedor.

As etapas **2. Preenchimento do Formulário** e **3. Gerenciamento de dados** eram realizadas manualmente com a elaboração do quadro-inventário, usando-se o *software Word*. Nesse sentido, tais etapas foram automatizadas, de modo que, após esse preenchimento do formulário, o sistema, ao gerenciar os dados, gera uma lista de documentos (Cf. **Figura 10**):

Figura 10 – Recorte da Lista de documentos

AAD.01f.DRJ.00.C4.APLMS	Discurso da Rainha Jorleide	Produção Intelectual	Caderno 4
AAD.01f.DRM-RC.00.C2.APLMS	Discurso do Rei Mirim - Rádio Cultura	Produção Intelectual	Caderno 2
AAD.02a.EIPB.16.APPS	Entrevista com Itajaí Pedra Branca	Documentos Audiovisuais	
AAD.02a.EJM.16.APPS	Entrevista com Joel Magno	Documentos Audiovisuais	
AAD.02a.EMJ.16.APPS	Entrevista com Marquise Jales	Documentos Audiovisuais	
AAD.04a.AD—MDMCF.00.W.PFNALP	Alcina Dantas — uma mulher que deix...	Memorabilia	Wordpress
AAD.04a.M.58.FN.MCS	Miragens	Memorabilia	Folha do Norte
AAD.04a.M.61.GP.LHMELS	Madrigais	Memorabilia	Gazeta do Povo
AAD.04a.R.44.C4.APLMS	Retribuição	Memorabilia	Caderno 4
AAD.04a.SS.29.I.GHB	Seção Sertaneja	Memorabilia	O Itaberaba
AAD.04a.VNC.00.PUH.SL	A velha e a nova cidade	Memorabilia	A paisagem urbana e o homem
AAD.04b.AD.20.AF-AD.Y	Alcina Dantas	Memorabilia	Artistas da Feira – Alcina Dantas

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Na **Figura 10**, vemos na lista de documentos, na primeira coluna, o código atribuído a cada item documental – que foi gerado automaticamente pelo SGBD –; na segunda, o título do texto e/ou do documento; na terceira, as classes e subclasses, que foram descritas na seção anterior, como **01 Produção Intelectual** (01f – Discursos), **02 Documentos Audiovisuais** (02a – Entrevistas) e **04 Memorabilia** (04a – Documentos diversos relacionados com a autora); e, na última coluna, onde foram localizados (“Caderno 4”, “Caderno 2”, etc.) ou publicados tais documentos (“Folha do Norte”, “Gazeta do Povo”, “A paisagem urbana e o homem”, etc.).

Pensando na experiência do(a) filólogo(a) e em possíveis erros de preenchimento, também dispomos como recursos a edição ou a remoção dos dados (Cf. **Figura 11**):

Figura 11– Ferramentas do SGBD

editar	remover

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A partir desse registro dos documentos, o sistema cria um **Repositório** (abreviado como “repo”), na pasta do computador onde o SGBD está instalado, com todos os dados inseridos (fac-símiles, áudios ou vídeos, textos em pdf, etc.) (Cf. **Figura 12**):

Figura 12 – Pasta do Repositório do SGBD

Nome	Data de modificação	Tipo
repo	09/08/2023 17:55	Pasta de arquivos

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Como resultados futuros esperados, a etapa **4. Exportação de dados** objetiva gerar automaticamente o quadro-inventário (Cf. **Figura 13**) e o repositório com esses dados serão incorporados à edição eletrônica.

Figura 13 – Recorte do Inventário

ACERVO ALCINA DANTAS			
Quantidade de documentos	Referência	Instituição	Código
Produção Intelectual (Editos)			
01	DANTAS, Alcina. Direitos femininos. <i>Folha do Norte</i> , Feira de Santana, ano 19, n. 953, p.3, 22 out. 1927.	Museu Casa do Sertão	AAD.DF01g-27.FN.MCS
01	DANTAS, Alcina. Alma que chora. <i>O Itaberaba</i> , Itaberaba, ano 3, n.121, p.3, 23 mar. 1929.	Instituto Geográfico e Histórico da Bahia	AAD.AQC01a-29.FN.MCS
01	DANTAS, Alcina. O céu da tua infância. <i>Folha do Norte</i> , Feira de Santana, ano 20, n. 1031, p.4, 20 abr.1929.	Museu Casa do Sertão	AAD.CTI01a-29.FN.MCS

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Em conclusão, elencamos como principais benefícios de automatizar essas etapas: a minimização de erros na elaboração dos códigos de cada documento; a celeridade maior de se organizar e filtrar os dados, pois o **Repositório** cria pastas onde se encontrarão esses documentos, também dispensando o trabalho manual de criar tais pastas no computador. Ademais, com a exportação do quadro-inventário, o(a) filólogo(a) obterá mais rapidamente o inventário desses documentos. Por fim, com o **SGBD** sendo agregado à hiperedição, é possível também diminuir problemas no produto editorial a ser oferecido para o(a)s leitor(a)s, posto que a inserção de dados será realizada de maneira direta na edição eletrônica, sem a necessidade de intermediários da área de TICs, que podem enfrentar dificuldades de se apropriar das demandas da Filologia para realizar essa mediação. Como efeito, minoram-se, assim, possíveis ruídos de comunicação entre filólogo(a)s e profissionais dessa área.

Considerações finais

A Filologia vem renovando as suas práticas e dialogando com campos do conhecimento científico diversificados, o que ressignifica a própria atuação do(a)s filólogo(a)s no trabalho com os textos. O texto, entidade viva e dinâmica, produzido, circulado e recepcionado por diversos agentes, nos demanda essa atualização constante, para darmos conta dessa sua complexidade. Nesse sentido, a interdisciplinaridade da Filologia com a Arquivística e as TCIs torna-se, cada vez mais, indispensável à prática editorial filológica.

Para construir o Acervo Alcina Dantas, lançamos mão do uso de ações organizacionais que se basearam na prática arquivística no trabalho com arquivos e acervos. No **AAD**, automatizamos parte dessas ações com o **SGBD**, de maneira a agilizar essas tarefas e a tentar assegurar uma maior confiabilidade na elaboração dos códigos dos itens documentais que integram tal acervo, como também maior agilidade no processo de armazenamento e de incorporação de dados na hiperedição.

Desejamos visibilizar a presença literária da escritora Alcina Dantas na Bahia, retirando-lhe de um esquecimento causado pela própria dispersão de sua obra poética, ao editarmos os seus textos e disponibilizarmos o dossiê – produto da pesquisa do(a) filólogo(a) em instituições de custódia diversas – como parte da hiperedição que está sendo desenvolvida no âmbito da pesquisa de doutorado.

Referências

- ALMEIDA, Isabela; MOTA, Mabel Meira. Hiperedições: a práxis editorial e as tecnologias digitais. In: BORGES, Rosa et al. *Edição do texto teatral na contemporaneidade*, Salvador: Memória e Arte, 2021. Disponível em: https://www.memoriaarte.com.br/_files/ugd/d9b288_b5e2af4f7f994f67b5f050097921520d.pdf. Acesso em: 1 jan. 2023, p. 111-138.
- ARQUIVO NACIONAL. *Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.
- BIASI, Pierre Marc. *A genética dos textos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- BITTENCOURT, Rogério Gonçalves. *Aspectos básicos de banco de dados*. 2004. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EdbertoFerneda/BD%20-%20Aspectos%20Basicos.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2023.

BORDINI, Maria da Glória. A função memorial dos acervos em tempos digitais. *In:* TELLES, Célia Marques; SANTOS, Rosa Borges dos. *Filologia, críticas e processos de criação*. Curitiba: Appris, 2012. p.119-126.

BOAVENTURA, Maria Eugenia. Uma Certa Feira. *In:* BOAVENTURA, Eurico Alves. *A paisagem urbana e o homem*. Memórias de Feira de Santana. Feira de Santana: Uefs, 2006. p. 11-18.

BORDINI, Maria da Glória. Manual de organização de acervos literários. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, v. 1, (2016[1994]). Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/309698565/Manual-de-Organizacao-de-Acervos-Literarios>. Acesso em: 13 maio.2021.

BORDINI, Maria da Glória; MORAES, Marcos Antônio de. Arquivo das memórias, memórias dos arquivos. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 24, n. 46, p. 5-8, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rblc/a/pG3Db7vndWYJSR4tDSBfjkN/>. Acesso em 30 set. 2023.

BORGES, Rosa; SOUZA, Arivaldo Sacramento de. *Edição de texto e Crítica Filológica*. Salvador: Quarteto, 2012.

BORGES, Rosa. Diálogos entre Filologia e Arquivística: acervos de dramaturgos baianos. *Cadernos do CNFL*, v. 23, n. 3, p. 180–195, 2019. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xxiii_cnlf/cnlf/tomo01/14.pdf. Acesso em 01 nov. 2021.

BORGES, Rosa. A edição de textos: crítica filológica e práticas editoriais. *In:* BORGES, Rosa *et al.* *Edición do texto teatral na contemporaneidad*e, Salvador: Memória e Arte, 2021. p.111-138. Disponível em: https://www.memoriaarte.com.br/_files/ugd/d9b288_b5e2af4f7f994f67b5f050097921520d.pdf. Acesso em: 01 jan. 2023.

BORGES, Rosa. Arquivos e memórias de escritores e dramaturgos baianos: edição, crítica filológica, genética e sociológica. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 24, n.46, p.194-214, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rblc/a/dTZTd5LP9kzHnTxzspfFC5F/?format=pdf&lang=pt>. Acesso 01 jan. 2023.

BORGES, Rosa. *Estudio crítico-filológico de Quincas Berro d'Água, adaptación de João Augusto de la Novela de Jorge Amado*: reflexiones sobre la práctica editorial. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2023.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora Unesp, 2002. *Ebook*.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Procedimentos técnicos adotados para a organização de arquivos privados. Rio de Janeiro: FGV, 1994.

MANIFESTO das Humanidades Digitais. 2011. Disponível em: <https://humanidadesdigitais.org/manifesto-das-humanidades-digitais/>. Acesso em 21 ago. 2021.

LIMA, Geraldo. *O teatro em Feira de Santana*. Feira de Santana: EMGRAFF, 2015.

McGANN, Jerome. *A critique of a modern textual criticism*. Chicago: University of Chicago. 1991.

McGANN, Jerome. *The Rationale of Hypertext*. 1995. Disponível em: <http://www.2iath.virginia.edu/public/jjm2f/rationale.html>. Acesso em: 09 set.2021.

McKENZIE, Donald Francis. *Bibliografia e a Sociologia dos Textos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018 [1986].

OLIVEIRA, Lélia Vitor Fernandes de. *Memorial Poético de Feira de Santana*. Feira de Santana: Mendecosta Editora Gráfica Ltda, 2001.

OLIVEIRA, Lélia Vitor Fernandes de. *Mulheres que deixaram marcas*. Feira de Santana: Clínica dos Livros, 2002.

URBINA, Eduardo *et al.* Humanidades digitales, crítica textual y la edición *variorum* electrónica del Quijote (EVE DQ). *Actas XXIII*. Associazione Ispanisti Italiani (AISPI), 2005, p.223-235. Disponível em: <https://cvc.cervantes.es/literatura/aispi/pdf/21/i20.pdf>. Acesso: 02 jul. 2021.

VELOSO, Renato dos Santos. *Tecnologias da informação e da comunicação*. São Paulo: Saraiva Uni, 2017. *Ebook*.